

# CADERNOS DE GEOGRAFIA

INSTITUTO DE ESTUDOS GEOGRÁFICOS

FACULDADE DE LETRAS · UNIVERSIDADE DE COIMBRA  
COIMBRA 1994 N.º 13



## AMORIM GIRÃO, GEÓGRAFO\*

J. M. Pereira de Oliveira\*\*

Em notícia necrológica do Professor Amorim Girão que o seu mais directo discípulo — o Professor Fernandes Martins — redigiu<sup>1</sup>, a dada altura, pode ler-se: “Para além da concordância ou restrições que as ideias e trabalhos do Prof. Amorim Girão mereciam de quantos, não importa em que grau, são os cultores do mesmo ramo de conhecimento, nem um de nós deixava de reconhecer quanto se lhe devia no surto moderno da geografia portuguesa. Fora um arauto e um pioneiro entusiasta nas trilhas dos novos rumos da geografia. Isso sim, ele fora — e sempre empenhado em insuflar o mesmo entusiasmo e a mesma dedicação ao estudo a todos quantos foram seus discípulos.”

A leitura desta síntese, deixa-nos perante dois iniludíveis traços caracterizantes de toda a vida e obra do Prof. Amorim Girão. No primeiro, denota-se a consciência que, no seu tempo, ele agudamente teve do momento de mudança que se impunha ao pensamento geográfico português. É a sua marca de homem de ciência.

No segundo, reconhece-se a atitude pedagógica que assumiu, sem desfalecimentos e até à morte, na prossecução e na transmissão dessa mudança. É a sua marca de profissional como professor universitário.

O homem de ciência e o professor universitário que a Sociedade de Geografia de Lisboa quis homenagear e mereceu dizer-se dele que, “Geógrafo de alto mérito, professor entusiasta e trabalhador infatigável, escondia sob a aparência um pouco austera e rude, um coração generoso e uma dedicação sempre ao alcance de todos”<sup>2</sup>, foi também meu Mestre.

Quando a morte — que a ele próprio surpreendeu — no-lo roubou, quis a vontade da minha Faculdade que fosse eu, de certo modo, a tomar o seu lugar, que não, naturalmente, a substituí-lo.

Vivendo e trabalhando no Porto por essa altura, fui primeiro entusiasmado a voltar à Alma Mater pelo Prof. Fernandes Martins. Ele sabia-me já então convidado pelo saudoso Mestre Carlos Ramos para integrar o corpo docente da Escola de Belas Artes do Porto onde deveria reger as

cadeiras de Geografia do novo curriculum do Curso de Arquitectura (Área do Urbanismo). Todavia, pensava que o meu lugar deveria ser em Coimbra, e assim não hesitou. Terçou armas por mim, quase jogou o seu lugar por minha causa.

Na sequência, fui finalmente convidado pelo então Conselho Escolar, e tive a honra de ser chamado a colmatar a lacuna que a morte do Prof. Amorim Girão tão permaturamente abrira.

Mas não é exclusivamente por algum mérito que tivesse que aqui me encontro.

Mas sim como decano do Grupo de Geografia, e mesmo como um dos seus últimos discípulos, docente da minha Faculdade e actual Director do seu Instituto de Estudos Geográficos, enfim.

De qualquer modo, eu deveria estar aqui, talvez anónimo, algures nesta sala entre os demais assistentes.

Mas estou ainda aqui porque a Sociedade de Geografia de Lisboa — de que aliás sou sócio há alguns anos já — me quis honrar convidando-me para trazer testemunho vivencial do Mestre.

Por outro lado, quiseram também os Presidentes dos Conselhos Científico, Directivo e Pedagógico da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra aqui se fazer representar por três dos seus membros, geógrafos eles também e, em seus respectivos nomes e no de toda a Faculdade, agradecer à Sociedade de Geografia de Lisboa e aos Colegas intervenientes e a todos Vocelências a homenagem que quis prestar a um dos seus menos compreendidos Mestres.

Pela minha boca e em nome de todos, o nosso muito obrigado.

A cuidada reflexão crítica da obra daquele que foi o Sócio nº 14113 desta Sociedade desde 1937 e vogal da Secção de Ensino Geográfico desde então até à sua morte, e a desapaixonada apreciação do seu labor pedagógico e didáctico, sempre me mostraram o exemplar trabalhador que pôs toda a sua inteligência, todo o seu saber e todo o

\* Conferência realizada na Sociedade de Geografia de Lisboa em homenagem ao Professor Amorim Girão, Novembro de 1991.

\*\* Instituto de Estudos Geográficos. Faculdade de Letras. Universidade de Coimbra.

<sup>1</sup> *Revista do Centro de Estudos Demográficos*, Lisboa, Instituto Nacional de Estatística, nº 12, MCMLX, pp. 17/2.

<sup>2</sup> *Revista Portuguesa de Pedagogia*, Vária - Necrologia, Coimbra, FALC-IEPP, Ano I, nº1, p. 165.



seu esforço, quiçá toda a sua vida, ao serviço da Ciência que, por vocação e estrutura intelectual, um dia, bem cedo, abraçou com entusiasmo, depois de estudos secundários brilhantes e justamente premiados.

Senti, pois, que era meu dever aceitar o convite e trazer o meu modesto testemunho.

A homenagem que hoje se lhe faz nos cincoenta anos da publicação da 1ª edição da “Geografia de Portugal” - datada de 1941, mas só concluída, segundo se lê no “colaufond”, em 1943 - é um acto de justiça e alegra-me que seja feita com a projecção que lhe quis dar a Sociedade de Geografia de Lisboa, ao mesmo tempo que a minha Faculdade termina a edição de dois volumes especiais da sua revista “Biblos”, com um acervo de textos em sua homenagem.

Não é ainda certamente por méritos meus, nem tão-pouco simplesmente por força de outras circunstâncias, mas é sem dúvida, pelo que me respeita, o menos que seria possível a quem foi seu discípulo — quiçá o mais humilde — mas que sempre de vez em quando volta às suas páginas e à sua memória para nelas refrescar e aurir ainda ensinamentos nas suas ideias e nos seus conceitos mas, sobretudo, a lição de indubitável probidade científica que ao longo de toda a vida jamais abandonou.

A obra científica do Professor Aristides de Amorim Girão - que já hoje aqui, em algumas das suas facetas, foi tão brilhantemente tratada pelos dois Colegas das Universidades de Lisboa e do Porto, Doutores Jorge Gaspar e Rosa Fernanda Moreira da Silva, não é muito variada.

Largamente, são os títulos de matéria geográfica que avultam entre os cerca de cem que assinou, sem contar com a numerosa colaboração em mais de dez periódicos nacionais e regionais de que aliás era leitor assíduo.

Os reflexos da sua formação universitária traduzem-se em alguns aparentes desvios dessa dominância. São disso exemplo pelo menos dois ou três títulos principais que dedicou a estudos de Arqueologia.

Por outro lado, quem conhece os cadernos de campo do Mestre vê neles e no variado acervo de anotações de toda a ordem a dimensão da sua curiosidade e quanto ele previligiava antes de mais as observações de campo — enquanto a saúde lho permitiu — e quanto nelas baseava a construção dos seus textos depois de passados e repassados pelas estreitas fieiras da sua exigência de duplo escopo: o rigor científico e a castigada linguagem.

A leitura dos seus textos é ao mesmo tempo — embora possam ser discutíveis — um ponto de referência no contexto científico da Geografia do seu tempo em Portugal e exemplos duma cuidada arte de escrever um Português escoreito e perfeitamente claro.

Algumas páginas desses seus cadernos de campo, mas não só elas, são testemunho, de uma curiosidade e de uma apetência de conhecer quase inesgotável, lembrando, sem que pretendamos compará-los, um Leite de Vasconcelos, em quem sem dúvida — leitor atento e

reflectido — foi, como afinal todos nós, buscar um manancial de informações.

Pouco lhe escapa do que observa, a avaliar pelo que regista escrevendo e desenhando.

Quase sempre, quando avança uma hipótese de explicação, fá-lo sob uma forma interrogada, por vezes dando a alguns aspectos um colorido de inesperado pitoresco, tal como sucede quando, aqui e ali, nas suas andanças, Portugal de lés-a-lés, foi registando a diferente altura das saias das mulheres do campo e tenta relacionar essas diferenças com os desiguais tipos de trabalho ou tarefas a que se dedicam.

Outro aspecto ainda do imenso trabalho e cuidado que punha nos seus escritos, quer na perspectiva da validade científica quer na da sua expressão sintáctica, pode ver-se nos textos que uma vez publicados decidia republicar ou simplesmente nos quais iniciava a respectiva reformulação e actualização. Isso sucedeu com alguns deles e dos mais significativos, como é o caso das “Lições de Geografia Humana”, de 1936, como tentaremos adiante apontar.

É-me particularmente interessante o exemplo referido, porque pudemos guardar um seu exemplar da 1ª edição, reflecto das suas correcções, aditamentos, reformulações, actualizações resultantes das leituras entretanto feitas, comparações críticas, etc., escritos pelo seu próprio punho enquanto lhe foi possível, na sua letrinha desenhada e miúda onde o tempo e a doença foram pondo traços de tremura e apagando a imagem de equilíbrio.

Pensámos publicar — por alturas do 1º Centenário do seu Nascimento, 1895/1995 — uma edição crítica em sua homenagem, pois que esse exemplar encerra o maior número de exemplos de todas essas suas preocupações e corresponde, ao mesmo tempo, a momento dilemático da vida académica do Professor Amorim Girão.

Voltaremos adiante, como disse, mais especificamente a alguns aspectos deste exemplo que nos parece ser verdadeiramente significativo no transcurso do pensamento científico do Mestre.

Permitam-me por agora que deixo neste nosso singelo testemunho outros traços relevantes da personalidade e do carácter do Professor Amorim Girão.

Um dia, o Professor Providência e Costa — na altura Presidente do Conselho Escolar da minha Faculdade — teve necessidade de ver um determinado documento de grande importância para a sua gestão e pensou que ele se encontraria, possivelmente, no conjunto de documentos que guardava sob a designação genérica de “papéis do dr. Girão”, tal como podia ser lido no papel que os envolvia.

Como grande amigo que sempre fora do seu Colega, profundamente chocado ainda (vi correr-lhe as lágrimas nos olhos ao falar-me dessa amizade) com o inelutável facto do seu desaparecimento e, por isso, receoso da emoção que lhe adviria pessoalmente, ao contactar no acervo quasi religiosamente guardado “restos suspeitáveis” da vida do Amigo, pensou e naturalmente determinou que

fosse o assistente de fresca data que eu era então, a buscar o perdido texto oficial.

Entregou-me o pesado “embrulho”, fez-me as recomendações e as precisas informações básicas para a busca e, com a simpática bonomia que todos lhe conhecíamos — os que tiveram esse privilégio — disse-me agradecendo, que não tinha coragem para “devassar” — mesmo por dever de responsável — a “intimidade” dos papéis do “dr. Girão”.

Eu, que era, pela idade, talvez mais consistente na minha emotividade, acabei por de imediato compreender o meu Director e aceitei a tarefa que me cometia.

Este facto transformou radicalmente, pelo privilégio da leitura dos seus documentos — oficiais uns, pessoais outros — a minha compreensão da estatura humana do Mestre.

Terei talvez abusado, porque me dei à leitura — aliás impressionante — dos seus escritos pessoais. Eles trouxeram-me a profunda revelação da sua altura moral. Na sua estatura de homem, guardava — na mediana dimensão física do seu corpo — a compleição de um gigante.

Amorim Girão tinha por hábito juntar a certa correspondência que recebia, o rascunho — por vezes densamente trabalhado — das suas respostas. No acervo dos seus escritos deste tipo que me foi possível conhecer, a correspondência particular era especial e preciosamente favorecida por este seu hábito. A sua formação histórico-geográfica presidiu por certo à exigência selectiva desse hábito e à sua continuidade.

Não tenho o direito de aqui, ou em qualquer outra parte, mesmo neste momento de excepcional significado, revelar quaisquer aspectos ou problemas ou mesmo identificar as personalidades que com ele assinaram as séries de cartas trocadas, embora muitos deles já há muito nos tenham deixado.

Direi simplesmente que entre eles — quase todos afinal — aparecem nomes dos mais significativos e relevantes interventores na vida do Portugal do seu tempo. São homens e mulheres de quase todos os quadrantes ideológicos, figuras cimeiras do pensamento científico, político, religioso e económico, que perpassam com maior ou menor extensão temporal por esse percurso epistolar.

Não são, porém, os nomes que importam — apesar da envergadura dos seus vôos nos céus da Vida Portuguesa — mas tão somente a inteireza que, relativamente a todos e a cada um de per si, Amorim Girão revela numa linha de continuidade que afirma por si só a estrutura da sua personalidade de homem, de cientista e de professor, tanto quanto da firmeza do seu carácter, sem uma vez só, que eu me possa lembrar, tenha deixado de exercitar a sua atitude de humildade cristã tanto perante a dimensão da realidade multifacetada e brilhante das criações humanas, como a das pequenas e grandes misérias dos homens.

Tanto auscultava os outros, vários, nas suas dúvidas e mesmo nas suas angústias expressas com grande abertura, quanto, ponderado, cuidadoso e tolerante, respondia e opinava quantos a ele recorriam por sua vez.

As suas relações directas com colegas, técnicos e alunos eram por vezes complicadas, quiçá desabridas mesmo. Disso também há reflexos nos rascunhos das suas cartas mas quase sempre repassados de um certo arrependimento, como quem confessa o pecadilho de uma exaltação.

Era ainda em muitos casos com laivos de um certo desportivismo que, com os seus alunos ou os técnicos que com ele trabalhavam, provocava e incitava à solução dos problemas.

Excitava, e quase irritava, os interlocutores e conduzia a discussão dos assuntos de forma a criar naqueles um contínuo desafio. Sabíamos que com ele não havia a possibilidade de uma atitude passiva. Antes pelo contrário, gostava que lhe levantassem os problemas, que o enfrentassem, que trouxessem à colação todos os argumentos julgados por cada um como pertinentes; discutia-os e não raro introduzia deliberadamente elementos espúrios para forçar a crítica. Chegava ao ponto de “afirmar” — naturalmente como um processo, muito pouco ortodoxo, no jogo de reflexão crítica que sempre exigia, mesmo a si próprio — que o que ouvira estava certo mas ele não aceitava. Com este estilo e atitudes como esta, ganhava para uns a fama de teimoso e de incoerente — para não dizer mais — enquanto para outros isso era a marca “sui generis” da sua exigência crítica.

Esta era uma faceta curiosa da sua pedagogia, incitando os alunos em quem via possibilidades de ir mais longe, a exercitarem os seus esforços nesse sentido e, finalmente — implacável juiz —, a reconhecer-lhes ou não, os méritos da pesquisa, da reflexão ou do estudo.

Não hesitava, mesmo em provas públicas, declarar que se enganara na apreciação que antes fizera, e alguns, como eu, se lembrarão disso ainda.

Dos belos mas confinados horizontes da sua querida região de Lafões e do sobrado paterno de Fataunços — diriam alguns — teria trazido o “provincianismo” dos seus alcances e a esperteza dos seus atrevimentos. Mas daí trouxe principalmente a franquesa que lhe dava o aparente tom de rude, a honradez que o marcava de aparente avareza, a convicção reflectida que fazia a sua aparente teimosia, enfim, a sua crença, que lhe dava o aparente cunho de ingénuo.

Todas estas facetas da sua personalidade e do seu carácter, terão feito dele um “adversário” mas não creio que, senão por cegueira de entendimento, um “inimigo”.

No âmbito dos labores científicos, Amorim Girão foi um lutador duro, por vezes tenaz e até mesmo implacável; minucioso até ao mínimo pormenor, tolerante sim mas não complacente nem permissivo; aberto mas não demagógico, enfim coerente.

À distância de um pouco mais de 30 anos permanece nos meus olhos a imagem do brilho que os seus adquiriam quando a temática o arrebatava e nela encontrava a substância do seu gosto pela ciência que transmitia e suscitava.

A voz, então, subia tons acima do seu normal e o seu corpo franzino — e já um pouco debilitado pela doença

que, silenciosa, se instalara sem que suspeitasse — como que crescia e avultava e os seus braços e as mãos brancas esvoaçavam lentamente em geito de largos sublinhados das suas palavras. Não era porém teatral.

Por vezes, o cansaço ou a doença, mostravam-se nele no sussurro das palavras, no respirar mais fundo, na quase imobilidade de estátua e na lentidão do seu todo.

Só a sua tenacidade no cumprimento escrupuloso do seu munus académico, mantinha de pé a fragilidade evidente da sua estatura diminuída e o fio quase monótono do discurso.

Quando se apagaram para sempre nos seus olhos as luzes da vida e meio surpreendido ainda pela rapidez do desfecho da doença final inacreditada, a 7 de Abril de 1960, numa clínica da sua cidade adoptiva de Coimbra, morriam com o Mestre, não só o homem simples, digno e bom mas, quer se queira quer não, um capítulo importante, um capítulo de mudança, na história do pensamento geográfico português e uma atitude pedagógico-didáctica e de investigação científica verdadeiramente universitárias.

#### Minhas Senhoras e meus Senhores:

Como acima prometi, permitam-me agora um rápido relanço sobre alguns aspectos do percurso científico do Professor Amorim Girão.

Serão particularmente reflexões que venho fazendo das leituras comparativas das diversas redacções, dos ajustamentos e particularmente das reformulações e reestruturações, da sua talvez mais conseguida obra: as “Lições de Geografia Humana”, na prossecução dos trabalhos para a sua edição crítica antes referida.

Antes, porém, e para que se possa compreender e situar a evolução do pensamento do Mestre, pode dizer-se que, quando já assistente provisório da Faculdade de Letras de Coimbra, por convite de outro Mestre, o Prof. Ferraz de Carvalho — que nele rapidamente vira as qualidades emergentes — escreve e publica o seu primeiro trabalho: *Geografia Moderna. Evolução-Concepto-Relação com outras ciências. Ensaio de síntese*<sup>3</sup>, o jovem que então era, com pouco mais de 22 anos, traduzia já a preocupação que nunca o deixou — embora o tivessem também apodado de imobilista intransigente — da contínua reflexão sobre a evolução e as características da própria ciência em que se iniciava, num posicionamento epistemológico, que muito poucos haviam feito até então, com a abertura de espírito e a fundamentação que ele pôs nesse seu escrito inicial e, o que é verdadeiramente sintomático da permanência dessa preocupação é que, curiosamente, o seu último trabalho — já de publicação póstuma — reflectindo ainda essa linha fundamental do pensamento do Mestre, intitulou-o exactamente: *Novas Concepções do Ensino da Geografia*<sup>4</sup>.

<sup>3</sup> Coimbra, Imprensa da Universidade, 31 p., 1918.

<sup>4</sup> Coimbra, *Revista Portuguesa de Pedagogia*, Ano I, nº 1, pp. 73-80, 1960.

Em 1918 — mais correctamente, quatro anos antes, segundo diz — já sentia ser uma “impossibilidade harmonizar as diversas maneiras de vêr” dos Autores com cujas ideias se ia familiarizando e, em particular, as que resgistaram sobre a natureza do saber geográfico no questionamento do seu carácter científico ou não: Geografia, descrição; Geografia, explicação; Geografia, descrição explicativa. Mas não deixava de estar aberto e crítico às novas correntes e às novas concepções.

Esse facto espelha-se na estrutura que deu ao seu pequeno trabalho de 1960: A) Geografia descritiva; B) Geografia explicativa e, claramente inovador em Portugal, e reflexo do seu acompanhamento; C) Geografia Aplicada.

Esta nova perspectiva do ensino da Geografia aparece-lhe pois uma espécie de reconhecimento da legitimidade da contribuição do saber geográfico para a melhoria das condições de existência dos homens na lição das trágicas consequências da II Guerra Mundial. Aparece-lhe aceitável, como uma nova vertente, uma nova linha de desenvolvimento que lhe permite assumir quase um estatuto de “instrumento” técnico, que crescentemente é solicitado pela sociedade e, por conseguinte, deve merecer um ensino apropriado.

Morto em Abril de 1960, não assistiu já à verdadeira “revolução” que, de certo modo, veio a ser para a concepção da Geografia científica a chamada Nova Geografia nem à evolução desta.

Não se pode porém assacar-lhe qualquer culpa por a não ter previsto. Importa sim ver que nos seus escritos muito há de prevalência nesse sentido; o seu caminho, porém, vinha chegando ao fim e mais cedo mesmo do que ele suspeitava e poucos poderiam prever.

Naturalmente, em vários dos seus textos, por vezes os de menor folgo, essa preocupação pode suspeitar-se também e, quem se der ao trabalho de os cotejar cronologicamente poderá ver que sempre, de uma forma ou outra, essa preocupação transparece com maior ou menor relevo, mas sempre também particularmente cuidada, quiçá tímida.

Como já acima se referiu, as “Lições de Geografia Humana” do Professor Amorim Girão são talvez o seu mais conseguido trabalho.

Dado como Separatas da “Biblos” - Vols IX a XII, respectivamente dos Anos de 1933, 1934, 1935 e 1936, aparecem num só volume, sob edição da Coimbra Editora Ld<sup>a</sup>, com data de 1936, mas com uma “Advertência preliminar” de Janeiro de 1934.

Com a retirada de um simples parágrafo, o Mestre pensava retomar essa “advertência”, como se fora um prefácio, para uma nova publicação refundida, designando-a “Advertência preliminar da 1ª Edição”. Assim está escrito pela sua letra desenhada no volume que servia de base aos trabalhos de revisão.

Embora com as cautelas necessárias, o que é facto é que, entre os múltiplos dados de referência para a revisão



programada, o último, melhor, o recorte de jornal — com sublinhados e claramente datado pelo seu punho — que, com vários outros e inúmeros pequenos ou grandes textos de modificação ou actualização do que antes escrevera e lhe importava alterar ou acrescentar, guardou entre as páginas em revisão, é de 21 de Dezembro de 1959.

Numa “Nota Final” que, depois da “Conclusão” acrescentou, datando-a de Dezembro de 1935, mas à frente da qual escreveu a lápis: (Suprimir), no derradeiro parágrafo da sua primeira página expressa já uma perspectiva de reedição, ao dizer textualmente: “..., trata-se de uma ciência que se encontra ainda numa fase de elaboração, de “échantillonnage”, como escreveu P. Deffontaines. Isto servirá de desculpa, assim o esperamos, para muitas deficiências ou imperfeições deste trabalho, que procuraremos suprir ou remover numa futura edição” (fim de citação).

Antes mesmo de estar nas montras das livrarias a 1ª Edição, a “Nota Final” incluída, mas a suprimir depois, já anunciava o propósito de reedição correctora, actualizante, numa expressão de profunda proibidade científica e não de mera perspectiva materialista de lucros que, aliás, não podia prever.

Por outro lado, no de certo restrito panorama das suas indicações bibliográficas, para alguns dos seus menos conhecedores, o ano mais recente, indicado em uma ou duas espécies, é de 1935 e para essa época não pode dizer-se com grande seriedade que não era afinal quase um arrojado.

Entre pois a primeiras datas das Separatas da “Biblos”, a data da publicação da edição da Coimbra Editora e a data expressa pelo seu punho de 1959 num recorte de jornal, há todo um longo percurso de reflexão de 26 anos, e a simples observação dos inúmeros papéis de todos os tamanhos e feitios, os vários recortes de jornais, as múltiplas anotações entrelinhadas ou escritas à margem (muitas delas ainda interrogadas, indiciando uma não definitiva forma a reter), enfim, e particularmente, as diferenças apreensíveis na letra, que não, por exemplo, na forma de exprimir os acrescentos ou intercalações que invariavelmente fazia com dois hifens ou com o sinal +, tudo mostra o longo e paciente trabalho, marcado por contínua preocupação de encontrar a expressão mais correcta, no mais claro e puro respeito pela língua pátria que com tanto amor cultivou.

Mas disse acima também que, algures neste intervalo, qualquer coisa transparece na sua atitude que me levou a escrever tratar-se de um “momento dilemático da vida académica” do Mestre.

De facto, com data de edição de 1946, exactamente 10 anos depois da 1ª edição das “Lições...”, o Prof. Amorim Girão, deu à estampa a obra “Geografia Humana”, na Portucalense Editora, S.A.R.L., do Porto, onde em 1941, apareceu a 1ª edição da sua outra obra de tomo, a “Geografia de Portugal”.

Pelo menos estes factos — a “Geografia de Portugal” aparecida em 1941; a “Geografia Humana” aparecida em 1946; a publicação da 2ª edição da “Geografia de Portugal”

com data de “colaufond” de 1952, dita de 1949-1951 e com Prefácio de 1949; a continuação dos trabalhos de aperfeiçoamento para uma futura edição das “Lições de Geografia Humana” até pelo menos, documentadamente, 1959, deixam-nos perplexo, tanto mais que na “Advertência preliminar” das “Lições...” já antes referida, uma passagem que não pensava eliminar, dizia textualmente “... espero levar a bom termo a tarefa que me impus (...) de difundir entre nós o gosto por esta ciência jovem (...)” porventura preparando o caminho para que alguém, menos preso por obrigações escolares e dispondo de melhor saúde, se abalancasse à tarefa de carrear elementos para uma futura “Geografia Humana de Portugal”, bem podia então quem estas linhas escrevia (já então psicologicamente marcado pelo estigma da doença grave que o atingira anos antes mas conseguira superar) congratular-se por ter conseguido um resultado muito superior à sua expectativa.

A tragédia haveria de atingi-lo ainda, quase no fim da vida, por efeitos de um terrível erro de diagnóstico.

A incrível suspeita de uma recidiva da tuberculose viria a afastá-lo — no cego cumprimento de lei — e por algum tempo, da docência que tanto amava.

Quando, reconhecido o erro, regressou à sua “cátedra” vinha moralmente combalido e era talvez já tarde.

Pateticamente, talvez esse erro tenha acelerado o processo neoplásico que algum tempo depois, quase abruptamente o surpreendeu, como se disse já, num fim de tarde de Abril de 1960.

Não temos quase dúvidas que Amorim Girão, quando se referiu na “Advertência preliminar”, de 1934, à ideia de uma “Geografia Humana de Portugal”, teria em mente o fito de ser ele a escrevê-la. O enriquecimento com exemplos nacionais que continuamente encontrou e registou até pelo menos 1959, para a nova edição das “Lições...”, quer através de descrições-explicativas, quer de gravuras e fotografias que pensava substituir, levam-me a pensar nesse quase secreto propósito seu.

A edição da “Geografia de Portugal”, em 1941, beneficia claramente dessa preocupação, como era lógico; mas, por seu turno, quando pensa e faz a edição da “Geografia Humana” é já expressamente com os olhos postos no Brasil.

Ali, no imenso País, como afirma, haviam tido, e continuavam a ter, a mais larga procura as já então esgotadas “Lições de Geografia Humana”. Quando se decide, não só procura ilustrar o livro com exemplos do País Irmão, como — e tal sucedeu — a dar-lhe uma nova estrutura.

Basta cotejar as Partes e respectivos Capítulos das “Lições...” e da “Geografia Humana” e logo se verá o rearranjo diverso da segunda.

Creio que não é aqui e agora a altura de o fazer e esperamos dá-lo um dia à estampa.

De qualquer forma, com esta decisão, o Mestre, pode dizer-se, retarda a reedição que vinha preparando para as “Lições...”.

O interesse por outros campos da Ciência que abraçara, distanciaram-no também dessa preocupação. Os problemas

postos pelas definições regionais, sempre polémicos, envolveram-no muito tempo e intensamente, desde que em 1927 publicou um seu primeiro estudo sobre a matéria; depois foi o esforço da 1ª edição do “Atlas de Portugal”, saída com data de 1941, embora precedido de artigos preparatórios e mesmo de ensaios de algumas cartas e respectivas notícias explicativas; com um folgo alongado e em colaboração, lança-se depois à série dos Estudos da População Portuguesa iniciada em 1944; os estudos e a cartografia sobre a Divisão da Propriedade Rústica, iniciam-se em 1950.

Um acontecimento importante vem intercalar-se no âmbito das suas preocupações e, ao identificá-lo como simplesmente uma secção da “Biblos” que se emancipa, anuncia-o em 1950, no seu 1º Número, como a primeira revista de Geografia da Universidade de Coimbra e, afinal, da Universidade Portuguesa — era o “Boletim do Centro de Estudos Geográficos”, dois anos antes criado pelo Instituto de Alta Cultura na minha Faculdade, para apoiar a investigação científica da Geografia, com o impulso que se impõe registar aqui, por ser justo, de outro Mestre da Geografia Portuguesa, o Prof. Orlando Ribeiro, quando ensinava então na “Alma Mater Conimbrigensis”. Desta revista, Amorim Girão dirigiu e editou 17 números, de 1950 a 1958. Sairiam mais 8, de 1960 a 1967, já sob a minha responsabilidade como Secretário da Redacção.

Várias outras foram as veredas que Amorim Girão pisou no vasto espaço da Geografia.

Textos de maior ou menor folgo se foram somando ao acervo dos seus trabalhos.

Algumas reedições de diferente fortuna e interesse, como as do único Atlas de Portugal (2ª edição, de 1958) foram feitas em reconhecidos moldes científicos. Apesar de esgotadas, são ainda nos nossos dias algumas delas de interessante procura.

Naturalmente, não podíamos esquecer — embora tenham, uma um cariz regional e outra essencialmente

histórico-geográfico no âmbito de uma Geografia Urbana Histórica — as suas duas teses, de doutoramento e de concurso para assistente, respectivamente “A Bacia do Vouga. Estudo Geográfico”, de 1922, e “Viseu. Estudo de uma aglomeração urbana”, de 1925.

Da primeira, escreveu Fernandes Martins, “é um trabalho assinalado na renovação do estudo da geografia em Portugal” e, a segunda, mereceu por sua vez, de Orlando Ribeiro o seu reconhecimento como estudo de qualidade científica.

Minhas Senhoras e meus Senhores:

Fui certamente muito longo e terei todavia ficado muito aquém do que o Mestre merecia. Não podia pretender ser exaustivo, que para tanto não daria o tempo disponível, quanto mais a falta das qualidades necessárias.

É muito comum ouvir-se como crítica a certas obras que se desconhecem de facto, que não vale a pena gastar tempo com velharias. A celeridade da vida dos nossos dias vem pondo de parte cada vez mais a sossegada reflexão; o que mais atrai é um “pós-qualquer-coisa” nestes tempos de valores imediatos e de interesses instantâneos.

Todavia, se alguma coisa afinal é importante, é que se voltem a ler as suas páginas mais significativas e que estas suscitem as respostas a essa necessidade para que os mais jovens tirem partido desses ensinamentos e também com eles, criticando-os, construam outros “capítulos de mudança” nesta ciência, tal como Amorim Girão, aos 18 anos iniciou e continuou até que a morte inexoravelmente lhe interrompeu a vida e lhe calou o discurso.

Se outra coisa não me movera, já me sentiria a bem comigo próprio por, mesmo abusando da paciência com que quiseram escutar-me, tivesse criado em alguém a vontade que o levasse a “revisitar” o Mestre, como soi dizer agora.

Muito obrigado.